

A TEVÊ NO ÂMBITO DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: NOTAS PARA DEBATES.

* Mara Rejane Alves Nunes Ribeiro

Resumo

A tecnologia de relações, da qual a televisão é uma das faces por incorporar princípios de motivação e de persuasão, instiga linhas de reflexão dos estudiosos da área social, examinando criticamente, o pólo receptor na perspectiva da Escola de Konstaz - RFA. A abordagem teórica, através da Estética da recepção, sugere a possibilidade de analisar essa média que configura num verdadeiro signo da modernidade.

Partindo do princípio de que a tevê constitui-se, entre os *mass media*², num audio visual de constante presença no cotidiano dos indivíduos, será abordado o texto televisivo³ (neste ensaio, na tentativa de provocar debates entre os estudiosos da área social, a quem elegemos como sujeito de nossa reflexão, uma vez que os problemas sociais são constantemente enfocados por este media).

Dentre os media, estamos focalizando a tevê, tendo em vista tudo o que representa - signo da modernidade. Também, por ela estar presente na maior parte dos estabelecimentos privados ou públicos, inclusive instaladas em praças, como é o caso do nordeste. A sua multiplicidade é alarmante, não só no Brasil como em outros países. Em Nova York, por exemplo, os dados compilados por Carl Hocland, demonstram que as pesquisas realizadas em 1948 enfrentavam dificuldades em localizar os proprietários de tevê e cinco anos depois, registram um número acima de três milhões de aparelhos encontrados. No Brasil, ocorreu a mesma situação surpreendente de aquisições deste aparelho, entre os anos 70 e 80. E, mais recentemente (1993), as pesquisas realizadas para verificação deste tipo de incidente em favelas de capitais como o Rio de Janeiro e São Paulo apresentaram, em notícia de jornal, um resultado que divulgava a presença do televisor em 4 de cada 5 barracos pesquisados⁴.

As abordagens a respeito das funções exercidas pela tevê manifestam tendências com diferentes nuances de explicação, quer como alienantes, enquanto a concepção daqueles que a vêem produzindo ou acelerando a degradação do homem, quer como

* Docente do Departamento de Serviço Social da UEL e doutorada do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da PUC-SP.

² Mass-media: termo em inglês utilizado para designar alguns meios de comunicação pública que atingem grande audiência - any means of public communication reaching a large audience - segundo MORRIS - 1975:804

³ Entendido como o complexo televisual de sons e imagens

⁴ Esse quadro aponta para as obras literárias que tratam dessa temática sob diferentes abordagens, como é o caso do livro intitulado *Televisão*, de Carlos Pereira e Ricardo Miranda (1983); *Linguagem autoritária*, de Maria Tereza Rocco (1989); *Comunicação e indústria cultural*, de Gabriel Cohn (1987); e também obras como *A tevê e a criança que te vê*, de Ana Lucia e Nauro Rezende (1989); e, mais recentemente, *Televisão e escola*, de Heloisa Penteado (1991).

revelação, insinuando-se a reflexão do indivíduo sobre si mesmo, bem como acerca da realidade circundante. Trata-se, portanto, de uma revelação que atinge de forma mais rápida um grande número de pessoas, dada a tecnologia utilizada⁵.

O domínio que a tevê exerce sobre os outros meios de comunicação de massa é irrefutável, diz Lúcia Avelar, ao utilizar como suporte um estudo recente, no qual é apontada a velocidade do alcance da mensagem entre emissor e receptor. Ou seja, ela diferencia aquele momento do passado, em que o texto televisivo era feito num determinado local e transmitido para outros, do momento atual, designado 'era eletrônica' em que a comunicação se dá ao mesmo tempo, de forma instantânea entre emissor e um público generalizado (não selecionado), que se constituem nos diferentes receptores. Essa capacidade que tem a tevê de fornecer uma enorme quantidade de informações a toda a população, sobressai-se a qualquer outra época (1982:2-8).

Como muitos estudiosos, ao voltarmos a atenção às análises da tevê no tocante a cultura por ela produzida, deparamo-nos com proposições que a manifestam enquanto narcotizante, ao propiciar ocasiões de fuga, sendo considerada assim como o "ópio do povo". Também, como um meio que exerce a função de reforçadora de normas sociais que são absorvidas sem discussão pelos receptores, promovendo o conformismo social. A estes aspectos somam-se, inclusive, a degradação do gosto e a ampliação dos produtos, de modo a se obter uma atitude passiva do consumidor.

O entendimento da tevê como um aspecto irreversível na vida quotidiana do indivíduo, possibilita percebê-la como elemento de informação capaz de beneficiá-lo, gerando o seu desenvolvimento. Em outros termos, podemos considerar o rápido domínio da linguagem pelas crianças, em processo de socialização. De certa maneira, a tevê propicia a apreensão dos códigos da sociedade da qual fazem parte, possibilitando também, a alteração dos comportamentos moral e ético. Enfim, a quantidade de informações acaba por ampliar os conhecimentos que chegam à vida privada do indivíduo, comprometendo a sua formação.

Estas considerações, entretanto, não podem perder de vista as particularidades presentes na sociedade inclusiva, em que diferentes grupos sociais respondem de maneiras, as mais diversas, a uma produção cultural elaborada por produtores desse meio de comunicação.

⁵ *Convém assinalar os "approaches" tais como: aqueles que se preocupam com o conteúdo das mensagens, onde a tevê é um instrumento para ser usado, tanto ao esclarecimento como ao embotamento e conseqüente manipulação dos seus receptores, sendo decisiva a ideologia responsável pela elaboração desses produtos culturais. De modo diverso, um outro ponto de vista deixa de lado o conteúdo, observando a natureza específica dos mass-media e seus veículos. Apresenta, assim, uma tendência de mostrar esses media como produto de uma sociedade - capitalismo liberal e capitalismo monopolista - cujo traço maior seria a produção de alienação. Uma outra tendência discute a natureza desses meios, detendo-se em seus aspectos técnicos. A abordagem semiótica por sua vez, coloca o problema na maneira de interpretar o mundo, no modo de formar uma visão de mundo. Estabelece uma relação entre esse modo e as conclusões gerais da sociedade. Assim, enfoca a questão da alienação. Para maiores esclarecimentos, ver: BARTHES, Roland. *Mythologie*, Paris, Seuil/Points, 1970; ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados ante a cultura de massa*. Barcelona, Lumen, 1965; MARCUSE, Helert. *Ideologia e sociedade industrial*. Rio, Zahar, 1967; McLUHAN, Marchall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo, Cultrix, 1965; PIERCE, Ch.S. *Semiótica*. São Paulo, Perspectiva, 1977).*

Desse modo, podemos sugerir diferentes manifestações culturais de segmentos que fazem a dinâmica da sociedade, incorporando valores de grupos sociais hegemônicos reconhecidos mas, também, recriando códigos a partir da posição no mapa social.

Pela mesma razão, a tevê na perspectiva de seus dirigentes pode ser percebida como estratégia de poder, preocupada em nivelar o comportamento dos indivíduos, impondo um amplo sistema de informações. Entretanto, manifesta ao mesmo tempo a aceitação ou oposição por parte dos diferentes grupamentos que compõem a sociedade. Assim, a identidade assegura ao sujeito um lugar na sociedade - onde ele se identifica e identifica a outros - e uma certa unidade ou coerência do seu ser, individual e social (de sua ação), importante no contexto das relações sociais (MAFFESOLI, 1987).

É através de um sistema áudio-visual que se pretende uniformizar a cultura. De certa maneira, estamos falando de uma crise que se torna o próprio modo de existência das sociedades modernas, onde se sobressai a tendência à homogeneidade, isto é, a tendência para o mesmo, para a identidade (como uma suposta igualdade). Contudo, entendemos que as sociedades contemporâneas (as capitalistas do mundo ocidental), a exemplo do Brasil, podem ser percebidas, tanto pela complexidade social, como pela heterogeneidade cultural (DURHAM, 1977). Dessa forma, os grupamentos, em seu cotidiano, numa sociedade estruturada em classes, através de suas práticas sociais e visões de mundo, demonstram estilos de vida particulares. Nesse sentido, apresenta-se uma sociedade heterogênea, onde os indivíduos recriam códigos e valores.

Muitas idéias sustentam a discussão da tevê, de um ponto de vista ideológico. Em outras palavras, o conteúdo transmitido pode implicar em ordem de indagações que se preocupa com a importância da produção cultural - como instrumento - tanto para a preservação de uma sociedade injusta, quanto para a transformação dessa sociedade.

Sugerimos outro tipo de indagação para conduzir este embate. Sem desconsiderarmos a sociedade de classes, mas justamente como uma forma de entendê-la - em suas contradições, a partir de comportamentos que se manifestam como complementares e em oposição, contemplamos o entendimento sobre o significado da tevê. Encaminhar a investigação nestes termos, implica reconhecer a lógica de sistemas sociais diversos, isto é, de pensar os modelos da sociedade em processo de sua contínua produção, utilização e transformação na prática coletiva. Assim, a análise dos padrões culturais supõe a síntese de múltiplas determinações e sempre dotadas de significação.

A questão remete ao próprio sujeito que vivencia todo este processo, historicamente situado. A tevê, através do complexo de sons e imagens, penetra no cotidiano de um contingente populacional heterogêneo de receptores, (a partir da posição que ocupam na estrutura social, da diversidade regional e da origem cultural e ética), atingindo suas expectativas e seus comportamentos, bem como suas representações e sua cultura. Assim, os grupos sociais que retrabalham aquela cultura produzida pela tevê, também produzem cultura, revelando um jeito de ser e de viver na sociedade, através de suas experiências de vida.

Nessa perspectiva, concebemos o indivíduo que está vivenciando o processo de recepção, como um sujeito que faz as suas leituras particulares dos textos televisivos. Por essa razão encaminhamos a estética da recepção como forma alternativa de estudo sobre esse media tevê, para descortinar junto ao receptor esses conteúdos e, assim, traçar novas vias de ação e representação da realidade no cotidiano.

Primeiramente, temos que considerar o aspecto comunicação como portador de um sistema a partir do qual se produzem os acordos, as mensagens e o próprio sentido de sua existência. Ela se processa através de canais de expressão e recepção e, sem dúvida, representa o instrumento importante na vida quotidiana do indivíduo, por assegurar a ampliação de conhecimentos sobre o mundo que cerca. Desse modo, podemos pensar em sobreposições de maneiras de viver, apresentadas pelos textos televisivos, em que diferentes realidades se entrecruzam e produzem significados diversos para os receptores.

A comunicação traz no seu bojo a linguagem, que vem a ser o próprio espaço da comunicação. É manifestada por gestos, mímica, e, dentre outras expressões, pela palavra.

Pode ser considerada uma acumulação de experiências humanas simbolizadas e, como tal, reflete a vida em grupo. Os pensamentos são decodificados, mediante as palavras que os externalizam. As relações recíprocas entre essas palavras e a estrutura da linguagem, também, encerram implicações importantes para o enfoque individual do mundo. Com o passar do tempo, o indivíduo chega a pensar e a sentir, em função destes símbolos, em relação a si mesmos, aos objetos e acontecimentos externos.

A importância da comunicação não se restringe ao indivíduo, pois, é através dela que se mantém a "vida societal". No processo de construção, dependem dela, não só as associações informais, como as organizações formais.

A comunicação pode ocorrer de várias formas: pela empatia, por manifestações não verbais, entonações, expressões faciais e gestos corporis. Associada, contudo, á palavra, seu emprego é, muitas vezes, necessário para transmitir, precisamente, a pretendida intenção da mensagem.

O som e a imagem juntos, ampliam, sobremaneira, os conteúdos da comunicação.

A soma de ambos constitui o texto televisivo, o qual torna as representações mais próximas da realidade. A tevê consegue diversificar as formas de representar fatos e situações atuando, significativamente, na vida quotidiana do indivíduo, pois, permite o impacto plenamente integrado de gestos corporais, expressões faciais e inflexões vocais.

Na vida quotidiana a socialização do indivíduo depende, em grande parte, de sua aquisição de significados para os símbolos comumente usados. Só compreenderá o que dele se deseja, depois de os haver hábitos de comunicação e, na prática quotidiana, adquire os instrumentos para este fim, em decorrência de sua interação com outras pessoas.

Uma das questões postas para todos aqueles que atuam na área social, é a relação indivíduo, cotidiano e realidade social. A reflexão, neste contexto, refere-se não só aos objetivos da prática, mas remete aos processos de transformação - como se produzem - e ao sujeito destes processos.

Trata-se de um processo que inclui a linguagem, hábitos e a interação - a base da socialidade - na vida cotidiana. Essa lógica que somente ganha sentido no contexto do processo histórico, é influenciada, largamente, pelas transformações sociais, econômicas e políticas. Inclui, desde já, os media e exclui qualquer abordagem descompromissada com a dinâmica social.

Nessa dinâmica, a tevê entra em cena sob diferentes ângulos, até mesmo por se configurar num dos media mais discutidos na atualidade. O nosso, porém, parte de uma perspectiva que se atém naquele que representa o cerne do processo de recepção da mensagem - o receptor - sem desconsiderar o esquema de produção dessa mensagem televisiva.

Nesse contexto, encontra-se uma categoria de sujeitos que, indistintamente, são usuários da tevê. Dentre eles estão os trabalhadores braçais, os menores de rua, os executivos, os profissionais liberais, i.é., diferentes segmentos que compõem a sociedade. Cada um deles faz a sua leitura da realidade e, embora todos partilhem de proposições semelhantes de condicionamento da estrutura social, estão recebendo, através dos media, as mais variadas versões do universo social. Ressaltemos aqui, a questão diferenciada dos recursos a que estes indivíduos tiveram acesso para fazerem as suas leituras da realidade. O acesso, que se restringia aos ícones⁶ elaborado pelos grupos, é ampliado pela tevê. As formas de alcance desses ícones vão ter proposições distintas as diferentes redes de símbolos até então adquiridos.

Estas diferenças, contudo, não devem se constituir em imposições de um rótulo de "passivo" ao receptor, como sugere a perspectiva frankfurtiana⁷. A partir dela, a imagem chega no receptor e, simplesmente, retorna, sem reação. Ao contrário, partilhamos da perspectiva Konstanziana, na qual a imagem chega ao receptor que a seleciona e reelabora, tendo em vista as suas experiência no cotidiano. Nesta, vamos encontrar apoio em Hans Robert Jauss (1982), o qual caracteriza o receptor como sujeito de todo o processo de recepção, pois, segundo ele, todo o impacto causado pelo produto junto ao receptor deve ser foco de atenção.

É o princípio que privilegia a comunicação que está presente em toda a sua trajetória teórica. Concentra suas atenções no receptor, contestando este tipo de prática, comum na corrente frankfurtiana, que faz do receptor um mero observador e ouvinte reprimido pelo silêncio. Com essa concepção, ele ressalta o papel importante do receptor, enquanto ator que vai decodificar e atribuir significação à mensagem.

⁶ Trata-se de um signo que pode ser revelador do novo, permitindo ao receptor reconhecer o objeto representado, como por exemplo, uma foto (COELHO, 1981).

⁷ Escola de Frankfurt - Alemanha, que congrega as idéias de Max Horkheimer, Theodor Adorno e Walter Benjamin sobre a recepção, como contraponto a perspectiva de Hans Robert Jauss.

Esses elementos constituem o eixo central da tese de Jauss, considerada uma provocação na lição inaugural da Escola de Konstanz - RFA, com os quais se pronunciou sobre a crise do campo da literatura, sua especialidade, em 1968. Refletia um processo dinâmico de recepção e comunicação; de produtor e receptor; de mensagem e receptividade.

Jauss admite no receptor, aquele que emite um parecer a partir, inclusive, de sua realidade, o que pode vir a representar uma nova obra. Pela própria dinâmica em que vai se constituir aquele processo de recepção, as atividades produtiva e comunicativa desempenham papéis importantes no ato de interpretação, como também, na relação com as demais áreas de significação da realidade quotidiana.

Nesse contexto, é, pertinente incluir a diferenciação entre o ato de interpretação e o de recepção, que tem como base a diferenciação entre compreensão e discernimento; entre a experiência primária e o ato de reflexão (LIMA, 1979:43-5). Uma interpretação não pode ignorar a sintonia da experiência primária de uma obra com seu efeito estético, ou seja, a compreensão fruidora e a fruição compreensiva. Nesse sentido, é desejo do autor que produziu uma forma acabada em si, que ela seja compreendida e fruída tal como a projetou. Contudo, cada fruidor traz uma determinada cultura, gostos, tendências e uma situação particularmente concreta que está respaldada na sua perspectiva individual.

Desse raciocínio resulta a dupla tarefa hermenêutica que propõe diferenciar os dois modos de recepção. Volta-se para a clarificação do processo atual em que é concretizado o efeito e o significado do texto para esse receptor atual e, também, para a reconstrução do processo histórico, através do qual o texto é recebido e interpretado de maneiras diferentes.

Equivale a dizer, de acordo com a exposição que Lima (1976:46) faz de Jauss, que o juízo estético deve ser elaborado a partir do efeito (resposta ou reação motivada pelo texto ao receptor) e da recepção (acolhida alcançada pelo produto).

Na dinâmica em que vai se constituir a proposta de Jauss é, justamente, essa recepção que ocorre de diferentes formas e concebe o indivíduo como principal ator, que vai desencadear vários estudos acerca da mesma. É um campo teórico que nos anos 80 começa a ter repercussão, também, nos estudos de análise dos media, não só na Alemanha como na França.

Essa situação nos remete a um processo de reflexão que reside, mais especificamente, naquele indivíduo que se configura no receptor, bem como a sugerir aos profissionais que atuam no campo social, a promoverem maiores discussões sobre essa tecnologia da reprodução de informações.

Tendo como referência a teoria de Jauss, buscamos despertar o interesse em produzir pesquisas informações que possibilitem aos indivíduos refletir, criticamente, sobre esta linguagem televisiva, no âmbito de recepção. Cogitar uma recepção crítica, significa cogitar discussões sobre a adoção de uma metodologia que possa contribuir

para instaurar esse processo, no qual o receptor deva ser considerado, como confere a perspectiva konstanziana, a instância fundamental.

Partindo dessa concepção, o assistente social, o antropólogo, o sociólogo ou outro profissional que se inscreve no contexto das ciências humanas e sociais, deverá se empenhar na busca de recursos que privilegie o interesse pela realidade transmitida e o desvendamento dos códigos e dos signos. Deverá começar por si mesmo, preocupando-se com a sua própria condição de receptor, como se percebe e como percebe a realidade.

O serviço social, assim como as demais profissões citadas, têm objetivos próprios sancionados pela sociedade onde estão inseridas. Por serem reconhecidas como profissão, implica em uma conduta social organizada para atingir os objetivos da mesma. Esta conduta é especificada, em alguns aspectos, na regulamentação das próprias profissões e códigos de ética respectivos. Assim, cada uma dessas categorias ocupa um lugar na sociedade onde desempenha um papel profissional específico.

Por um lado, os referidos profissionais atuam no domínio específico da estrutura social, lançando ações intervencionistas nas áreas de pobreza urbana e rural acentuadas aos diferentes grupos sociais. Por outro, enquanto cidadãos, partilham das mesmas proposições e condicionamentos dessa estrutura, embora como profissionais, eles necessitem se inteirar de todo este contexto pela suas próprias percepções da realidade, priorizando o aprofundamento da tomada de conhecimento da mesma.

Nessa ótica, encontra-se presente uma dualidade de papéis na identidade desse indivíduo, seja na sua atuação como cidadão, seja como profissional, e sobre a qual pesam os fatores internos (formação acadêmica) e externos (identidade para demarcar fronteiras institucionais). De uma forma ou de outra, a incidência do fenômeno dos mass-media se torna um obstáculo para o desenvolvimento de uma leitura crítica desse indivíduo acerca da problemática existente, com o agravante de trazerem para as suas práticas de intervenção, concepções manipuladas que fragmentam a realidade social.

De posse dessas características, podemos inserir como fator de peso nesse tipo de consideração o próprio progresso e o desenvolvimento tecnológico. Ao mesmo tempo em que se pretendem "expressão de melhoria da qualidade de vida a todos", produzem inquietações pela própria condição e dominação no cotidiano dos indivíduos.

A modernização rápida, a nova face das relações sociais produzidas pelo capitalismo e a mundialização introduzida no cotidiano pelos media, geram complexidade e confusão que afetam diretamente o comportamento cotidiano dos indivíduos (FALCÃO, 1986:14).

Esse quadro reflete a dificuldade de situações vivenciadas pelos indivíduos. Cada vez mais ele gere a sua vida utilizando de botões, seja de um computador ou de um televisor, através do qual recebe, diariamente, versões da realidade, consumindo uma representação do mundo. Esse indivíduo de quem estamos tratando, um cientista social em seus diferentes papéis, seja como profissional ou como cidadão, recebe no seu

quotidiano, essas imagens e informações (texto televisivo) da realidade na qual atua. São mensagens que estão impregnadas de ameaça e medo, como a pobreza e a violência ou de ilusão e ficção, que produzem um imaginário. Ocorre, porém, que esse indivíduo configura-se num profissional que vai retrabalhar as mensagens veiculadas por esse media, passando a ser um receptor privilegiado e um decodificador qualificado (à medida em que tem uma formação teórico-prática que lhe propicia o acesso intelectual mesmo de atribuir significados às mensagens). Na perspectiva Jaussiana ele é um receptor que recebe, seleciona, compreende e interpreta e, no ato de aplicar, transmite esta imagem de modo a contextualizá-la no sistema social mais amplo.

Buscar o esclarecimento, a compreensão e o aprofundamento acerca desse receptor frente aos mass-media, mais especificamente ao uso da tevê, repensando sobre o desempenho de seu papel profissional neste contexto, constitui-se em exercício que temos tentado desenvolver, vislumbrando novas possibilidades de entendimento da realidade social.

Não se pode afirmar que o impacto da tevê seja definitivo, para a maior ou menor eficácia de um projeto profissional. No entanto, a relação entre o agir profissional contemporâneo das categorias postas ao debate e os media é difícil de ser contestada, particularmente, no tocante a tevê. "Se não há como afirmar relações de causa e efeito, também não há como negar a sua fonte de influência" (AVELAR, 1982:3). Sem dúvida, esta evidência torna impossível ignorar o grau de importância desse componente de modernidade, que penetra no cotidiano dos indivíduos, invadindo a sua vida íntima, mas permitindo a releitura e a recriação de códigos a partir de quadros específicos de referência.

Nesse contexto, a tele-informação (É um processo que abarca todo o tipo de mensagem transmitida, seja através da telenovela, telepropaganda, dos programas de humor, noticiários e reportagens) é um fenômeno do mundo contemporâneo, não podendo ser negada a sua influência e penetração no cotidiano de milhares de pessoas. Tudo leva a crer que a tevê representa uma presença permanente em busca de um aperfeiçoamento cada vez maior. Temos, portanto, que considerá-la como um signo da modernidade e aprender a lidar com ela, na medida em que vamos trabalhar a sua produção decodificando as informações e atribuindo significado às mensagens.

Para refletir sobre essa questão, sugerimos a estética da recepção como alternativa teórica e um ponto de vista que se constitui em contraponto a outras formas de análise, podendo-se consolidar num corpo de idéias, com destaque no campo social. O caráter crítico aqui proposto, coloca o indivíduo como transmissor qualificado, que no processo de recepção, examina, seleciona, decodifica e reinterpreta as mensagens durante o seu desempenho profissional.

Apreender esse processo consiste em lançar uma nova perspectiva para o profissional que traduz no seu modo de ser e de agir, o movimento de reprodução das relações sociais e se depara com a tevê, na condição de receptor e transmissor qualificado da mensagem. Desse modo, requer a compreensão de subuniversos dentro de um sistema

social mais amplo. Supõe entender as situações, não como realidade monolítica, mas a partir de suas particularidades.

Nesse sentido, é importante estar atento às várias faces do que se nos apresenta como realidade, como por exemplo, do que se entende por "pobreza" sem desconsiderar as semelhanças de condições de vida. Em outras palavras, permite-se, assim, entender que grupos sociais falem de si, identificando-se e identificando os outros, mostrando manobras frente a um "poder controlador" (Maffesoli, 1987) em que parecem desprender-se dele através de interações e lógicas de vida próprias.

Fazem, portanto, o "movimento" dentro da sociedade ao emergirem enquanto atores políticos. Vivenciam e interpretam a realidade que lhes é apresentada em forma de imagens e de textos por outros atores que produzem, também, a sua interpretação dessa mesma realidade. Desta forma, entendemos que as nossas construções são elaboradas a partir das interpretações de outros sujeitos, ou como Geertz (1978) colocou "interpretando interpretações".

Por fim, acreditamos que esta abordagem possa viabilizar leituras mais instigantes dos fenômenos sobre os quais o profissional, que elegemos para este debate, atua na condição de receptor privilegiado e transmissor qualificado. Assim, propiciamos novas reflexões para esses profissionais, ao entender as narrativas que se sobrepõem projetando-se uma intertextualidade, manifestada como um "calidoscópio", ou seja, um infinito número de combinações acerca do texto televisivo, a partir de recepção de grupos sociais diversos que, também, lêem a realidade vivenciada e transmitida pelo tevê.

BIBLIOGRAFIA

- CANELLA, S. Pela busca da leitura crítica dos meios de comunicação de massa na Faculdade de Serviço Social. Revista Serviço Social e Sociedade. n.35. São Paulo: Cortez, 1991.
- COELHO, Teixeira. Semiótica, informação e comunicação. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- COHN, Gabriel. Comunicação e indústria cultural. São Paulo: T.A. Queiróz. 1987.
- DURHAM, Eunice. R. A dinâmica cultural na sociedade moderna. *Ensaio de Opiniões*. Rio de Janeiro. 1977.
- ECO, Umberto. Viagem na irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- FALCÃO, M. C. A. A prática social na modernidade. Revista Intervenção Social. Lisboa: n.4, 1986.
- HARTLEY, E. & HARTKEY, R. Fundamentos de psicologia social. Nova York, (s.n.) 1952. (mimeografado).
- JAUSS, H. R. Experience esthétique et verité de Fart. Frankfurt: Sur-le-Main, Suhrkamp Verlag, 1982.
- _____ Pour une esthétique de la reception. Paris: Gallimard, 1978.
- LIMA, Luis Costa. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção de H.R. Jauss. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MAFFESOLI, Michael. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa, Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 1987.
- PENTEADO, H. Televisão e escola: conflito ou cooperação? São Paulo: Cortez, 1991.
- ROCCO, M. T. Linguagem autoritária: televisão e persuasão. São Paulo: Brasiliense, 1989.